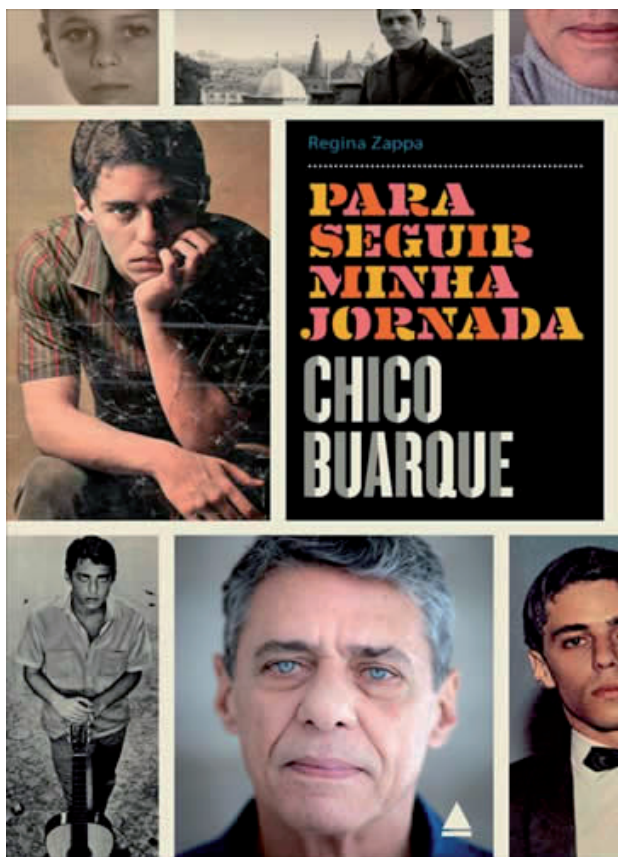


# *Para seguir a jornada de Chico Buarque*



*Lucilia de Almeida Neves Delgado*

Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília (UnB). Autora, entre outros livros, de *História oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. [lucilianeves@terra.com.br](mailto:lucilianeves@terra.com.br)

## Para seguir a jornada de Chico Buarque

Lucilia de Almeida Neves Delgado

ZAPPA, Regina. *Para seguir minha jornada: Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, 608 p.



Existem tempos que, na sua substância, são emblemáticos e míticos. Romantismo revolucionário é expressão cunhada pelo sociólogo Marcelo Ridenti para caracterizar a década de 1960, tempo que ficou marcado na história mundial e do Brasil por diferentes manifestações, ações e expressões políticas e culturais de múltiplos sujeitos históricos individuais e coletivos. Todos eles integrantes de uma geração nascida em meados da década de 1940. Na efervescente década de 1960 eram jovens e estavam contaminados pela febre de criatividade, mudança e transgressão que varreu o planeta terra. Eram também voluntaristas e estavam convictos de que por sua ação o mundo ficaria menos desigual, mais generoso e mais solidário. Todas as esperanças que cultivavam tinham sabor de transformação e usualmente baseavam-se em transgressões estéticas, políticas, de modos de vidas e culturais. Um modo de ser despojado conjugava-se com crítica ao capitalismo, aos autoritarismos de toda espécie e às convenções que limitavam a liberdade.

No campo das artes a euforia de uma inserção social que se fazia crítica e engajada — como assim queriam milhões de jovens, desdobrou-se em um furor criativo diversificado e fértil que fez da década de 1960 e de 1968, seu ano síntese, um tempo efervescente que ficou gravado na história por palavras como, revolução, socialismo, pacifismo, anti-racismo, feminismo, contra cultura, movimento hippie, concretismo, existencialismo. Era um tempo de cultivar utopias e de forjar o futuro em um presente marcado por avassaladoras mudanças e projeções ideológicas, políticas e sociais. Tudo isso alimentado pelo sabor de criação do novo: novo tempo, novos valores, novos estilos de vida, nova percepção da realidade, nova perspectiva de construção da história.

Os ventos heréticos que, naqueles anos, irradiavam-se em efeito multiplicador e pluralista, também chegaram ao Brasil e fertilizaram o romantismo revolucionário de jovens e artistas brasileiros. Aqui aportaram a partir da segunda metade da década de 1950 pelas mãos do nascente Cinema Novo, do Teatro de Arena, da inovação da Bossa Nova, de projetos como o do Centro Popular de Cultura da UNE e da expansão de idéias socialistas. O ideário socialista, na história brasileira, mesclava-se com um vigoroso nacionalismo que influenciou inúmeras expressões culturais e alcançou grande repercussão. Seus defensores e divulgadores adotaram a orientação de movimento, de orientação comunista, em defesa do nacional e do popular. Esse movimento caracterizou-se por ações voltadas para a construção de uma autêntica cultura nacional e para conscientização do povo sobre a realidade brasileira

Foi nesse clima de busca do novo, sem abandono das raízes nacionais, que Chico Buarque de Holanda viveu sua adolescência, importantes anos de sua ju-

<sup>1</sup>No Brasil podem ser citados, de modo indicativo: CHALHOUB, Sidney (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, *idem*, Machado de Assis *historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, e PESAVENTO, Sandra Jathay *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002.

ventude e se tornou um dos maiores compositores da música popular brasileira.

O registro inovador da trajetória artística de Francisco Buarque de Holanda é o principal conteúdo do livro, da jornalista Regina Zappa, *Para seguir minha jornada: Chico Buarque*. Trata-se de um livro almanaque, que a princípio chamaria “Almanaque Chico Buarque”, pois abrange mais do que a biografia do compositor, cantor e autor. Pode-se dizer que são duas as biografias nele registradas, uma individual e personalizada sobre a vida do artista e outra coletiva, sobre a trajetória da geração que viveu sua juventude nos anos de 1960. Isso porque Regina Zappa inscreve, nas páginas do livro, com especial sensibilidade e conhecimento histórico, verbetes esclarecedores sobre acontecimentos, instituições, movimentos artísticos e parceiros que entrecruzaram com a trajetória de Chico Buarque, em diferentes fases de sua vida. Assim, ao se debruçar sobre o conjunto do livro o leitor encontra informações sobre: Jacques Brel, Josephine Baker, Nara Leão, Noel Rosa, Dorival Caymmi, MP4, Edu Lobo, Vinicius de Moraes, tropicália, DOPS, censura, entre outros.

A idéia do livro começou a ser elaborada em 1999 quando Regina Zappa publicou uma biografia de Chico Buarque. Naquele mesmo ano morreu Cecília, irmã do pai de Chico Buarque, o historiador Sérgio Buarque de Holanda. Durante anos seguidos, com especial dedicação, Cecília compilou um rico acervo sobre a trajetória do sobrinho ilustre. Naquela ocasião, a cantora Miúcha, irmã de Chico, convidou a amiga Regina para conhecer a documentação e fazer um diagnóstico sobre o valor histórico desse acervo documental. Qual não foi a surpresa das duas ao se depararem com uma vasta, diversificada e bem organizada documentação, constituída por notícias, fotografias, entrevistas, críticas sobre a obra musical teatral e literária do sobrinho, discografia e filmes. O impacto da descoberta alimentou em Regina Zappa a vontade de aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre a trajetória artística de Chico Buarque. Nos anos que se sucederam ao primeiro contato com o acervo foi amadurecendo a idéia de publicar um livro que contasse sobre vida artística de Chico Buarque entrecruzando-a com os dilemas, valores, projetos, esperanças, decepções, dificuldades e esperanças da geração que com ele se projetou na década de 1960.

O livro, por incorporar uma perspectiva não somente personalista, ganhou em densidade informação e dimensão histórica. Regina Zappa produziu inédita publicação que transita da infância de Chico Buarque — vivida em uma família cercada por livros, da biblioteca de seu pai historiador e brindada pela convivência com intelectuais e artistas como Antônio Cândido, Vinicius de Moraes e João Gilberto, aos anos contemporâneos quando Chico Buarque alternou a atividade de compositor com a de escritor. Para compô-lo além de texto de sua autoria, incorporou fotos, cartas, notícias, enxertos de letras de canções — com caligrafia do compositor, entrevistas, cartazes publicitários, reportagens e críticas.

A história cultural do Brasil nos últimos cinquenta anos ferve nas páginas do livro. Seu texto com conteúdo histórico, cultural, político e jornalístico faz de sua leitura não só um grande prazer, mas uma fonte importante de informações sobre um tempo profícuo e singular. A autora considerando as interseções da vida pessoal do artista com a história da cultura também atentou para as influências musicais que marcaram a formação de Chico Buarque. Dessa forma, importantes expressões da vida cultural brasileira e internacional são registradas em uma dinâmica textual historicizada que considera a penetração

de um tempo em outros tempos. Assim, sem qualquer peso enciclopédico, a trajetória artística de compositores como Noel Rosa, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Tom Jobim, Jacques Brel, Charles Aznavour, Miles Davis e Edu Lobo também compõem o conjunto desse livro almanaque.

Suas páginas formam um verdadeiro caleidoscópico que revive os festivais da canção que, consagraram o próprio Chico Buarque, compositores e cantores como Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo, Jorge Ben e interpretes como Nara Leão, Elis Regina, Jair Rodrigues, MPB 4, Maria Bethânia, Quarteto em Cy, Gal Costa e Mutantes. Revive também as disputas e divergências musicais e de estilo que integram esse enredo pluralista. As parcerias e amizades ganham cores especiais no encontro de Chico com Edu Lobo, Tom Jobim, Toquinho, Vinicius de Moraes, Francis Hime, Caetano Veloso, Augusto Boal, Carlos Lyra, Milton Nascimento, Ivan Lins, entre outros cantores, músicos e compositores.

Mas os tropeços e dificuldades da trajetória do artista também não foram esquecidos. E as principais dificuldades, que se tornaram obstáculos renhidos em sua vida, aparecem em decorrência da ação da censura e da repressão política que marcaram os anos de vigência de um regime político autoritário no Brasil. O auto e necessário exílio de Chico Buarque em Roma é a ponta de um dos muitos fios que também trazem consigo pressões e violências sofridas por estudantes, artistas, militantes políticos e intelectuais brasileiros, especialmente após 1968, quando o regime autoritário implantado em 1964 foi aprofundado com a edição do ato institucional de número cinco. Chico Buarque, assim como outros colegas de profissão, sofreu fortes pressões. Para evitá-las decidiu isolar-se no exílio italiano. Para tentar driblar a censura, nos idos dos anos de 1970, adotou o pseudônimo de Julinho da Adelaide.

O livro considera não só as diferentes fases da vida pessoal do artista, mas também sua heterogênea propulsão criativa. Assim, o leitor encontra não só o jovem Chico Buarque que alçou os primeiros vôos com músicas como Pedro Pedreiro e Banda e que compôs em fases subseqüentes sucessos como, Carolina, Construção, Roda Viva, Apesar de Você, Quando o Carnaval Chegar, Mulheres de Atenas, Meu Caro Amigo, Pelas Tabelas. Também encontra o autor de peças teatrais como Roda Viva, Gota D'Água e Calabar e de livros como Benjamim, Budapeste, Estorvo e Leite Derramado.

Sobre a veia literária de Chico Buarque a autora dedica parte substantiva do texto. Nela encontra-se a influência de leituras que influenciaram o artista. São muitas e incorporam desde clássicos da antiga Grécia, como Medéia, de Eurípedes, inspirador do texto teatral Gota D'Água — em parceria com Paulo Pontes, até autores mais contemporâneos da literatura brasileira como Guimarães Rosas.

Nada passou sem registro. Do artista que traduz com maestria a alma feminina, ao incansável defensor da democracia, ao apaixonado torcedor do Fluminense e exímio jogador de futebol, ao pai e avô amoroso e ao fumante inveterado, Chico Buarque é apresentado na multiplicidade que lhe é inerente. Multiplicidade na qual sobressai uma duplicidade assim registrada por Regina Zappa: “Convivem no mesmo corpo, em tempos diferentes, um escritor e um músico. Talvez seja melhor dizer que os dois coexistem, mas não convivem. Trata-se de uma esquizofrenia virtuosa.”



*Resenha recebida em novembro de 2011. Aprovada em dezembro de 2011.*